

UMA GUERRA JUSTA? GUILHERME DA NORMANDIA E A DISPUTA PELO TRONO DA INGLATERRA EM 1066

Lucas Reginato Dias (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Jaime Estevão dos Reis
(Orientador), e-mail: jaimeestevaoreis@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes (CCH) Maringá, PR.

Ciências Humanas – História

Palavras-chave: Guilherme, Inglaterra, Guerra.

Resumo:

Esta discussão apresenta os resultados do projeto de pesquisa realizado ao longo de 2019-2020, o qual teve como objetivo analisar a Batalha de Hastings (1066) e responder à pergunta do título: uma Guerra Justa? Para elucidar esta questão dividimos a pesquisa em duas partes, sendo a primeira, uma contextualização geral na qual tratamos, brevemente, da unificação da Inglaterra por Alfredo, o Grande até a tomada do poder pelos dinamarqueses e, mais tarde, a reconquista saxã. Abordamos, também, a formação do ducado da Normandia pelo viking Rollo, as relações anglo-normandas no século XI e a crise de sucessão do trono inglês. Ainda na primeira parte apresentamos as personagens envolvidas na disputa ao trono inglês, sendo uma delas Guilherme, o Conquistador, personagem central da discussão na segunda parte. Nela, iremos discutir a formação cavaleiresca de Guilherme, suas origens e como seu pai, Roberto I, o preparou, desde muito jovem, para assumir o ducado da Normandia.

Introdução

Historicamente, no medievo a sucessão de um rei era considerada uma ocasião singular, dada a importância, tanto na vida dos súditos quanto no destino reino. No ano de 1066 o rei Eduardo, o Confessor faleceu sem deixar herdeiros, isto acabou gerando incertezas acerca do sucessor do trono inglês. O resultado foi um conflito de interesses entre três nobres pretendentes ao trono:

O duque Guilherme da Normandia, primo em segundo grau de Eduardo, pela sua consanguinidade; Haroldo III "Hardrada", rei da Noruega, por associação ao anterior rei de outra linhagem, o viking Cnut, que governava antes da dinastia de Eduardo; e

Haroldo Godwinson, conde de Wessex e cunhado de Eduardo, escolhido como novo rei por um concílio dos lordes anglo-saxões graças à sua influência e poder. (REIS; FERRARESE 2016, p. 43).

Sendo escolhido pelo Concílio de lordes *Witan*, e coroado pelo Arcebispo Stigand, que havia sido “excomungado por vários papas por ter adquirido sua posição através das mãos do rei e não das leis canônicas” (FERRARESE, 2015, p. 27), — um dos motivos pelo qual o Papa decide apoiar o duque Guilherme em seu pedido para entrar em guerra contra Haroldo Godwinson — Haroldo Godwinson já sabia que haveria de enfrentar o viking Haroldo Hardrada, junto de seu próprio irmão Tostig Godwinson, e o duque Guilherme da Normandia. Estes acontecimentos culminaram em duas batalhas, a de Stamford Bridge e a de Hastings, ambas em 1066.

Neste projeto discutiu-se a Batalha de Hastings na qual Guilherme da Normandia (c. 1028-1087), futuramente atribuído o epíteto de o “Conquistador” enfrenta o recém coroado rei inglês, Haroldo Godwinson (c. 1022-1066), último rei anglo-saxão da Inglaterra. Nossa investigação busca compreender o conceito de guerra que impera no contexto do século XI e as justificativas alegadas por Guilherme da Normandia para disputar o trono inglês.

Efetuamos uma breve contextualização das relações entre Inglaterra e Normandia, destacando alguns pontos anteriores ao embate da Batalha de Hastings, tais como a unificação da Inglaterra por Alfredo, o Grande em virtude das invasões vikings, entre outros eventos que influenciariam diretamente o desenrolar das relações anglo-normandas no século XI. E para completar, realizamos, também, uma apresentação dos principais pretendentes ao trono inglês, sendo eles Guilherme da Normandia, Haroldo Godwinson e Haroldo III da Noruega (ou Haroldo Hardrada). Finalizaremos discutindo as motivações que levaram Guilherme da Normandia, a reivindicar o trono inglês e que acabaram por legitimar o seu desejo de se tornar o rei normando da Inglaterra.

Materiais e métodos

Para realização desta pesquisa utilizamos historiografia pertinente ao tema estudado, visando fazer um levantamento do contexto histórico referente à Batalha de Hastings, no ano de 1066. Contextualizamos as circunstâncias do problema de sucessão ao trono inglês no referido ano, e apontamos os principais interessados no trono. Finalizamos com a análise da figura de Guilherme da Normandia, conforme sua formação cavaleiresca, sua árvore genealógica, a fim de entender seus motivos para reivindicar o trono inglês.

Resultados e Discussão

As fontes norteadoras desta pesquisa são duas crônicas contemporâneas aos acontecimentos, sendo elas a Crônica Anglo-saxônica e a Crônica de Guilherme de Poitiers. Ambas apresentam olhares opostos sobre o ocorrido, para facilitar a compreensão dessa oposição utilizamos autores como Jacob

Abbott, com o livro “Guilherme o Conquistador” no qual o autor faz um excelente trabalho de contextualização da vida de Guilherme, outro autor que utilizamos foi Tim Harding, em seu artigo que questiona se Guilherme realmente foi um conquistador, ou se na verdade ele apenas tomou o que lhe era de direito.

As investigações nos levaram a constatar que as reivindicações de Guilherme realmente eram justas, tanto que foram aceitas pelo próprio Papa Alexandre II, que concede sua benção a investida de Guilherme, algo que para o homem desta época era essencial.

Conclusões

Após analisarmos todo o contexto histórico relativo à Batalha de Hastings, seus personagens, de modo especial Guilherme da Normandia, a fim de responder à pergunta tema deste projeto, constatamos que os motivos levantados por Guilherme, para que a Batalha de Hastings fosse considerada uma guerra justa, foram aceitos pelo Papa, autoridade máxima nesse assunto. Portanto, podemos dizer que sim, a Batalha de Hastings foi uma Guerra Justa, segundo os termos da Igreja. Em seu entendimento Guilherme se considerava herdeiro do trono inglês pela consanguinidade com Eduardo, o Confessor, portanto, quando Haroldo fora escolhido como novo rei inglês Guilherme provavelmente se sentiu usurpado e traído por Haroldo, que havia jurado ajudá-lo a alcançar o trono inglês.

Assim, podemos apontar quatro principais motivos que levaram-no a reclamar o trono inglês: 1) Eduardo era praticamente um normando, seu modo de falar e agir, isto é resultado direto do tempo em que passou na Normandia; 2) Eduardo não tinha filho, portanto, não tinha um herdeiro direto e Guilherme era seu primo e único parente vivo com certa relevância; 3) Eduardo prometeu a Guilherme que ele o sucederia no trono inglês; 4) Haroldo Godwinson jurou lealdade a Guilherme em um ritual de vassalagem, e prometeu ajudá-lo a tornar-se rei da Inglaterra. Estes foram os principais motivos que levaram Guilherme a invadir e conquistar a Inglaterra com a benção papal.

O que concluímos, então, é que na história as justificativas consideradas justas tendem a ser a visão do vencedor, mesmo que se trate de algo conceitual como é o caso, pois, se o contrário tivesse ocorrido provavelmente as demandas de Guilherme passariam a ser narradas e contadas através dos anos como não sendo “justas”, e, como punição divina, Guilherme teria sido derrotado, o que não ocorreu.

Embora encontramos divergências entre as fontes, fica claro qual o lado que determinada fonte “apoiava” quando as estudamos, por exemplo, a Tapeçaria de Bayeux, que foi produzida como uma propaganda política para o governo de Guilherme, nela, ele e seu exército são retratados como justos e defensores do bem, protegidos por Deus. Já Haroldo, que havia quebrado seu juramento, cai em desgraça e é desfavorecido por Deus, perdendo a batalha e sua vida. Outro fator determinante para considerar-se essa uma

Guerra Justa, é a autorização e benção do Papa Alexandre II, afinal, se ele não considerasse a investida de Guilherme justa, ele não a teria autorizado. Já Guilherme, caso desrespeitasse a decisão papal, estaria agindo contra Deus, o que, provavelmente, seria algo que ele não faria pois acabaria com sua reputação perante a Igreja. Assim, a investida de Guilherme foi considerada uma “Guerra Justa” nas fontes contemporâneas.

Agradecimentos (Arial 12, Negrito, alinhado à esquerda)

Agradeço, primeiramente, à CNPq pelo financiamento à pesquisa, sem o qual não teria sido possível realiza-la. Agradeço, também, meu orientador, Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis, pelo apoio, confiança e paciência. Gratifico a Universidade Estadual de Maringá pela possibilidade de desenvolvimento a iniciação científica.

Referências

ABBOTT, Jacob. **William The Conqueror**. Freeditorial, 1902.

FERRARESE, Lucio Carlos. **Guerra e Política: Guilherme, O Conquistador e a Batalha de Hastings nas fontes anglo-normandas dos séculos XI e XII**. Maringá, 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, 2015.

FERRARESE, Lucio Carlos. REIS, Jaime Estevão dos. A figura de Haroldo Godwinson como exemplo negativo de realeza na crônica de Guilherme de Poitiers. **Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais**, ISSN 2177-6687.

GRAPE, Wolfgang. **The Bayeux Tapestry**. New York/Munich, 1994.

HARDING, Tim. **Was William really a Conqueror?** Disponível em [https://www.academia.edu/37796637/Was William really a Conqueror?auto=download](https://www.academia.edu/37796637/Was_William_really_a_Conqueror?auto=download).